

Lidando com Absolutos: a Religião, o Ambiente Operacional e a Arte do *Design*

Tenente-Coronel Prisco R. Hernández (Reserva), Ph.D., Exército dos EUA

*Assim feriu Josué toda aquela terra, a região montanhosa, o Neguebe, as campinas, e as descidas das águas, e a todos os seus reis; destruiu a tudo o que tinha fôlego, sem deixar nem sequer um, como ordenara o Senhor Deus de Israel.*¹

—Josué 10:40

*Mas quando os meses sagrados houverem transcorrido, matai os ídólatras, onde quer que os acheis; capturai-os, apossai-os e espreitai-os; porém, caso se arrependam, observem a oração e paguem o zakat, abri-lhes o caminho. Sabei que Deus é indulgente, Misericordiosíssimo.*²

—Alcorão, Surata 9:5

ESTE ARTIGO EXAMINA os efeitos da religião no ambiente operacional e como os planejadores e comandantes podem utilizar o conceito de *Design* para obter um entendimento situacional mais profundo do papel que ela exerce em motivar e justificar ações em tal ambiente.

Design e Mobilizações Ideológicas

Recentemente, o Exército dos EUA reconheceu a necessidade de uma compreensão mais ampla dos ambientes complexos onde ele atua. Em consequência, está institucionalizando uma abordagem mais holística, que busca entender as situações mais plenamente, objetivando encontrar soluções mais profundas e duradouras para problemas complexos. Esse processo, conhecido como *Design*, busca o entendimento mediante o “enquadramento” de uma determinada situação em um contexto. Quando a situação muda,

os planejadores “reformulam” a perspectiva com base em um contexto mais relevante. Os praticantes do *Design* incluem, em sua análise e síntese, não apenas os fatores militares, políticos e ambientais tradicionais, mas também esferas mais amplas da atividade humana, como a história, a cultura, a sociedade e a religião³.

O método de *Design* só terá serventia para os planejadores estratégicos se facilitar um entendimento mais preciso da realidade e, dessa forma, promover modificações úteis no planejamento operacional. Entender plenamente o papel da religião em uma dada situação ou evento vai além da simples compreensão *racional*. Inclui aceitar e apreender outras modalidades da percepção, da interação e do discurso humanos. Essas modalidades incluem a empatia emocional e a consideração de outras opiniões — mesmo aquelas que estejam fora dos parâmetros da lógica, dos juízos, das percepções e das intuições ocidentais tradicionais.

Os planejadores costumam abordar seu trabalho de uma forma rigorosamente lógica, metódica e centrada em processos, que pode ser bem ilustrada pela metodologia formal de estado-maior, como o Processo de Planejamento de Operações Conjuntas e o Processo Decisório Militar do Exército dos EUA. Uma abordagem baseada em processos pode ser ótima para ações simples (lineares), como operações de combate de encontro. No entanto, abordagens desse tipo são inadequadas para ações centradas na comunidade, nas quais a força tem efeitos de segunda e terceira ordem (ou mais), que muitas vezes prejudicam os resultados almejados. Se quiserem entender um sistema humano em que a religião exerce um papel significativo, os planejadores precisam ter

O Tenente-Coronel Prisco R. Hernández (Reserva), Exército dos EUA, é professor adjunto da Divisão de Programas de Pós-Graduação da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, Forte Leavenworth,

Estado do Kansas. É mestre pela Indiana University — Bloomington e doutor pela University of Wisconsin — Madison. Publicou numerosos artigos e resenhas de livros em publicações profissionais.



A Batalha de Las Navas de Tolosa. Afonso X, Cantigas de Santa Maria. (c. 1260-1270). T.I.1 fol. 92, Madri, Biblioteca Nacional.

presente a complexidade inerente à experiência religiosa individual e suas muitas dimensões sociais. Especificamente, os planejadores e pensadores envolvidos no processo de *Design* devem ter em mente as orientações apresentadas a seguir, ao avaliarem o possível impacto da religião sobre os ambientes estratégico e operacional.

A Religião como uma Presença no Ambiente Operacional

Embora sejam muitas as religiões que foram utilizadas para promover objetivos políticos, sociais ou espirituais, esta discussão se concentra apenas nas três fés monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. Essas religiões costumam ser dogmaticamente exclusivistas. Elas classificam as pessoas em crentes e descrentes. Essa visão de mundo bifurcada tende a criar uma mentalidade de “nós contra eles”, que pode fomentar condições para justificar o emprego da força contra os que não tenham aceitado a “verdade”.

O judaísmo teve sua origem, como religião, em um grupo étnico: as doze tribos de Israel. Ao longo de sua história, o judaísmo reteve seu caráter exclusivista. Ele não é especialmente ávido por converter outros. Em vez disso, concentra-se em preservar a pureza de suas crenças e a integridade de suas tradições contra um ambiente muitas vezes hostil⁴. De maneira oposta, o cristianismo

foi uma religião missionária desde o começo⁵. Sendo um desdobramento do judaísmo, ele se desenvolveu a partir da conversão de outros às suas crenças. Primeiro, atraiu adeptos da comunidade judaica, mas logo passou a acolher pessoas de fora. O islamismo também foi uma religião missionária desde o começo⁶. Expandiu-se mediante a conversão de pagãos e cristãos. O aspecto missionário do cristianismo e do islamismo é importante, porque demonstra um desejo de converter o “outro”, não iluminado, para a “única e verdadeira fé”. O crente não aceita o “outro” como ele é, mas busca transformá-lo para o seu próprio bem. Historicamente, os seguidores das religiões missionárias demonstraram uma tendência a desprezar, rejeitar ou até mesmo destruir o “outro”, sempre que não foi possível convertê-lo.

Tenacidade da Religião

Os princípios de uma religião não são passíveis de uma prova racional e, o que é digno de nota, também não estão sujeitos à refutação racional. Os praticantes aceitam axiomas religiosos como “verdadeiros” pelo processo de “acreditar”, isto é, o ato psicológico de aceitar que certos “fatos” presumidos correspondem à verdade graças ao “salto da fé”. Esse processo não é racional nem irracional. Pode ser descrito como superracional porque seu *objeto/conhecimento* do absoluto — assim como seu *meio/percepção* pela fé — fica além do alcance da razão⁷. Esta última, entretanto, exerce um papel na religião. Uma vez que as “verdades” sejam aceitas, os crentes utilizam a lógica indutiva e dedutiva para especular, ampliar, esclarecer, comentar, questionar e confirmar essas crenças. Infelizmente, a razão também pode servir para justificar a violência e a guerra em nome da fé religiosa.

Alguns antropólogos propõem que a natureza humana contém um componente religioso. Sugerem que um mecanismo interno inerente à natureza humana talvez nos leve a buscar explicações para os paradoxos e as limitações humanas a fim de lidar com o desespero sobre a mortalidade. Esse mecanismo nos estimula a buscar respostas para as perguntas fundamentais⁸. Uma explicação puramente sobrenatural desses desejos transcendentais cria valores e uma visão de mundo compatíveis com crenças religiosas

específicas. Uma ideia como essa foi expressa por Agostinho de Hipona, na sua conhecida afirmação: “Vós nos criastes para vós, e o nosso coração estará inquieto enquanto em vós não repouse”⁹. A religião é um fenômeno quase universal. Isso significa que ela provavelmente será um fator — às vezes, bastante significativo — em situações que envolvam a segurança da nação.

Na sociedade norte-americana contemporânea, a fé religiosa é, de modo geral, uma questão pessoal. Os estadunidenses têm dificuldade em conceber a religião como um fator de motivação no combate. Entretanto, se considerarmos o impacto social da crença religiosa a partir de uma perspectiva histórica de longo prazo, veremos que ele é enorme. Se examinarmos os padrões na história mundial, observaremos claramente que as sociedades humanas foram profundamente moldadas pela crença religiosa. A situação atualmente vista no “Ocidente” — existente desde o século XIX, na qual prevalecem o secularismo e uma postura de indiferença ou hostilidade em relação à crença religiosa — é atípica na história da humanidade.

Nem mesmo o marxismo, com sua tradicional visão da religião como “o ópio das massas”, foi capaz de extinguir a necessidade humana de uma crença. Em vez disso, inaugurou um período em que milhões passaram a praticar uma espécie de ideologia materialista e atea, uma “religião”

Alguns antropólogos propõem que a natureza humana contém um componente religioso.

caracterizada pelos seus próprios dogmas, ortodoxias, heresias e santos. O capitalismo, com sua ênfase no consumo e falta de um ideal além da busca do lucro e da riqueza, oferece ainda menos satisfação religiosa que o socialismo. Embora alguns intelectuais ocidentais tenham declarado que “Deus está morto” e decidido viver com a angústia resultante, essa reação contra o impulso religioso universal não foi aceita de modo geral¹⁰.

Importância da Religião

A religião é importante principalmente porque oferece respostas às questões primordiais da existência humana. Contudo, além desse objetivo escatológico e metafísico, a religião fornece normas morais e éticas para a vida do indivíduo e da coletividade. Além disso, muitas religiões incorporam normas sociais em suas práticas, envoltas em considerável autoridade moral. Esse aspecto da religião é significativo do ponto de vista coletivo. Muitos argumentariam que a posição das mulheres no islamismo e, em menor grau, no judaísmo e no cristianismo, deriva de normas culturais que adquiriram uma força quase religiosa. O que importa, no entanto, é que muitos consideram essas normas como parte integrante de seus sistemas de crença.

Além de princípios teológicos, a maioria das religiões desenvolveu ou adotou uma visão de mundo particular — esse é o caso, seguramente, das três religiões monoteístas. Ela engloba uma cosmologia, uma antropologia e um ou mais modelos para a vida social, que formam o contexto em que novas ideias são acolhidas, rejeitadas ou modificadas pela tradição religiosa. Em particular, descobertas nas ciências físicas e biológicas têm se mostrado como verdadeiros desafios à religião, porque ofereceram explicações racionais para fenômenos naturais e humanos, que não dependem de uma visão religiosa do mundo. O conflito entre a ciência e as visões de mundo religiosas é ainda maior quando estas últimas incluem uma interpretação fundamentalista das escrituras sagradas. Um exemplo é a contínua polêmica entre a teoria científica da evolução e as teorias de “*design* inteligente” de alguns grupos cristãos¹¹.

Religião e Guerra

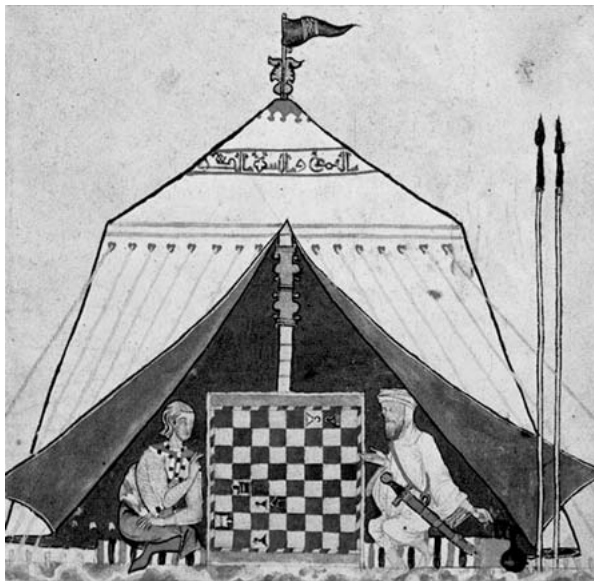
Nos dias de hoje, a religião é geralmente considerada como uma força para a paz. Contudo, ao longo da história, ela foi usada para justificar a guerra e até mesmo como uma arma de combate eficaz. Como pôde ser a religião “mobilizada” para a guerra? Certas condições devem existir para isso ocorra.

Primeiro, deve haver uma comunidade de praticantes religiosos dispostos a tomar uma ação coletiva com base em sua crença comum. Por exemplo, durante a Idade Média,

as pessoas se identificavam não pela etnia, mas principalmente pela filiação religiosa: como cristãos, muçulmanos ou judeus¹². Atualmente, existe uma situação como essa nos Bálcãs, onde pessoas da mesma etnia, que falam o mesmo idioma e que essencialmente fazem parte da mesma cultura se identificam exclusivamente com base na religião. O mesmo se aplica a outras regiões do mundo, como a Indonésia e partes da África. Embora a não discriminação com base na raça ou na etnia seja, em geral, uma das reconhecidas virtudes do islamismo, a visão de mundo islâmica ortodoxa é baseada na discriminação religiosa entre o crente, o descrente e o “Povo do Livro”¹³.

Outra condição necessária é que o grupo em questão se enxergue como oprimido e que a religião ofereça uma alternativa de libertação. Por exemplo, um tema comum, expresso pela militante Irmandade Muçulmana, é que os muçulmanos foram colonizados e oprimidos pelo Ocidente por não terem sido fiéis às práticas islâmicas. Assim, a solução para o seu drama seria retornar às estritas práticas do islamismo. O próprio Deus irá, então, reparar quaisquer injustiças percebidas.

Embora essas condições sejam necessárias, elas não são suficientes para a utilização da religião como uma arma, ou seja, elas não garantem que



Iluminura do Livro de Xadrez, Dados e Tabuleiros, encomendado por Afonso X, o Sábio de Castela. Século XIII. Biblioteca Nacional, Madri.

isso vá ocorrer. Elas apenas criam a possibilidade. O verdadeiro uso da religião como arma é fruto de uma decisão ou de uma série de decisões humanas, não predeterminadas pelas condições ou pelas crenças. A religião torna-se uma arma de guerra quando é utilizada como justificativa para a violência armada. Esse emprego pode ser pretendido explicitamente pelos líderes religiosos ou pode ser uma interpretação dada por alguns às palavras deles ou a certas frases das escrituras. De qualquer forma, a religião se transforma em uma arma porque serve como uma forte motivação para a ação violenta.

As duas principais tendências que facilitam o uso da religião como uma arma são o fundamentalismo e o proselitismo. O fundamentalismo promove um referencial rígido, que acentua as diferenças entre os que creem e os “outros”. Também promove uma mentalidade literal e inflexível, que acredita sinceramente que a “verdade” pode ser captada e compreendida como um fato objetivo¹⁴. O proselitismo busca, ativamente, transformar o “outro” por meio da conversão. Em alguns casos, o fervor dedicado a converter o derrotado pode fazer com que se lhe ofereçam as opções de converter-se ou de ser morto. Essas duas forças atuam há séculos nas relações complexas entre os mundos islâmico e cristão.

Depois da era do Iluminismo no Ocidente, o conceito de “Cristandade” foi substituído pelo de “democracia secular”, de modo geral. Por isso, hoje, o conflito entre religiões foi transformado em um confronto entre a democracia e a teocracia islâmica. No Ocidente, o agressivo *proselitismo da democracia secular* não faz parte somente das agendas nacionais, mas também das agendas de muitas organizações não governamentais que promovem “direitos humanos”. Em vez de ser vista como uma posição neutra em termos religiosos, a ativa promoção da democracia e dos abstratos “direitos humanos” — uma mentalidade secular separada da ética de base religiosa — é algo que muitas sociedades muçulmanas veem como uma ideologia estrangeira, em direta concorrência com os valores morais e religiosos islâmicos. A democracia e a promoção de direitos humanos seculares passaram a ser, para muitos muçulmanos, um “outro” antirreligioso.

As religiões que sustentam que certos textos provêm de inspiração divina se empenham

na sua interpretação. Por definição, seus livros sagrados têm validade e autoridade eternas. A interpretação é acessível à razão e, por isso, estudiosos das três grandes fés monoteístas conquistaram renome graças às suas interpretações específicas das tradições religiosas, ao longo da história. Os acontecimentos culturais e a história das ideias estão intimamente ligados à interpretação das escrituras sagradas. Uma escola de interpretação defende que elas foram inspiradas por Deus. Em casos extremos, o texto sagrado é visto como sendo a própria declaração de Deus¹⁵. A outra principal escola de interpretação acredita que, embora os textos possam ser de inspiração divina, eles não são definitivos nem infalíveis, mas, sim, passíveis de interpretação, desenvolvimento e contextualização¹⁶.

Ambas as posições consistem em marcos hermenêuticos ou interpretativos. Ambas têm uma lógica interna e, assim, sua aceitação é uma questão de crença. Desse modo, não estão sujeitas à confirmação ou à refutação racionais. Entretanto, uma vez que uma dessas posições seja aceita como um marco mental, a razão e a lógica podem ser aplicadas na sua interpretação e explicação. A escola de pensamento extremista é capaz de tornar a interpretação religiosa suscetível ao seu “emprego como arma”.

Fundamentalismo e Guerra

A primeira dessas posições — a que considera que as escrituras são imutáveis — é normalmente conhecida como *fundamentalista*, porque baseia suas opiniões sobre o que enxerga como sendo a versão fundamental e “sem retoques” dos textos sagrados. Existem interpretações fundamentalistas em todas as três religiões monoteístas. Os textos das escrituras judaicas, particularmente a Torá e os Salmos, assim como o Alcorão, no islamismo, contêm muitos trechos em que Deus ordena a violência contra os infiéis. Muitos Salmos invocam explicitamente a ira de Deus sobre os inimigos¹⁷. Outros utilizam imagens bélicas¹⁸. Os defensores de uma interpretação fundamentalista das escrituras aceitam esses textos ao pé da letra e se colocam contra todas as outras posições, sejam elas de integrantes de sua própria fé, sejam de pessoas de fora dela.

Os defensores do fundamentalismo negam a possibilidade de salvação para os que não aceitarem sua interpretação da fé; na pior das hipóteses, podem pregar a violência contra o “outro”. O fundamentalismo forneceu uma justificativa intelectual para guerras injustas, baseadas na religião. As escolas salafista e wahabista de interpretação do Alcorão, por exemplo, foram identificadas como sendo as fontes ideológicas da moderna convocação à *jihad* “externa” e à restauração da teocracia islâmica. O judaísmo fundamentalista exige a restauração do Templo de Jerusalém e do território do “Grande Israel” na forma de uma teocracia. Essas duas posições representam lógicas inconciliáveis e, se não forem controladas, impossibilitarão qualquer acordo necessário ao estabelecimento da paz na Palestina. Infelizmente, os defensores dessas duas posições são hoje ativos e influentes no Oriente Médio.

O cristianismo também tem tendências fundamentalistas, embora os textos cristãos em si — os evangelhos e os livros do Novo Testamento — sejam surpreendentemente livres de declarações terrenas violentas. De fato, o próprio Jesus defendia uma forma extrema de pacifismo e insistia que seu “Reino não é deste mundo”¹⁹. Contudo, a maioria dos cristãos aceita as escrituras judaicas, que chamam de “Velho Testamento”, como uma revelação válida — embora incompleta — de Deus. Os cristãos também utilizam esses textos para justificar a violência em nome da religião²⁰. Apesar dessa tendência, o cristianismo foi, em sua origem e por quase quatrocentos anos, uma religião pacifista, que abominava a violência como um pecado. Seus seguidores demonstravam uma preferência pelo martírio, mesmo em relação ao direito mais básico de autodefesa individual ou coletiva.

Foi só quando o cristianismo adquiriu status oficial como a religião do Império Romano que os cristãos foram obrigados a lidar com o conceito de que a violência coletiva na forma da guerra pode, em alguns casos, ser moralmente justificável. O defensor clássico da noção de “guerra justa” foi Agostinho de Hipona²¹. Mais tarde, Tomás de Aquino desenvolveu essa ideia e, até hoje, seu trabalho representa a principal justificativa cristã para a guerra²². Sua ideia de guerra justa também serve como base para a teoria

de “guerra humanitária” moderna do Ocidente. Apesar de restrições teóricas bem definidas sobre a justificativa para a guerra e sobre o comportamento moral nela (*jus ad bellum* e *jus in bello*), a prática cristã não seguiu a teoria. Os cristãos travaram guerras cruéis e de genocídio contra inimigos de outras religiões, contra cristãos não ortodoxos e até contra cristãos da mesma denominação. O cristianismo militante ensanguentou o curso da história da humanidade no Ocidente.

Intolerância Religiosa

Historicamente, a intolerância religiosa tem sido bem mais prevalente do que a tolerância religiosa. Entretanto, a religião da maioria nem sempre perseguiu ou matou as minorias. Os indivíduos ou grupos pertencentes às minorias foram deixados mais ou menos em paz enquanto permaneceram pequenos e numericamente insignificantes. Em alguns casos, integrantes desses grupos com habilidades raras e úteis foram aceitos e até promovidos dentro da sociedade da maioria, contanto que prestassem os serviços necessários e obedecessem aos costumes sociais prevalentes — incluindo os complexos *socioreligiosos* predominantes²³. Embora a maioria das democracias ocidentais aceite o conceito de tolerância religiosa como um artigo de fé, essa postura é relativamente recente no cenário mundial (quando vista no contexto da história da humanidade). A maior parte das sociedades insistiu na prática da religião da maioria, sendo a tolerância para com outras religiões restrita a casos isolados e a uns poucos indivíduos de fora dela²⁴.

No período helenístico, muitas religiões eram toleradas — incluindo, talvez de modo surpreendente, a época do Império Romano —, embora as autoridades civis normalmente impusessem o culto oficial do imperador ou rei a todos os cidadãos, sendo concedidas pouquíssimas exceções. De fato, a recusa em prestar culto ao soberano tornou-se uma importante causa do martírio de judeus e cristãos helenísticos.

O conceito ocidental moderno de liberdade de consciência é fruto do Iluminismo e só se desenvolveu depois que a Paz de Westfália pôs fim às terríveis guerras religiosas na Europa²⁵. A

liberdade de consciência está intimamente ligada à secularização e à democratização gradativas da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. Seu histórico revela a raridade e a juventude dos conceitos envolvidos e explica por que não são aceitos de forma universal fora do Ocidente tanto quanto os ocidentais imaginam ou gostariam que fossem.

Apesar de recentes, a liberdade de consciência e a tolerância religiosa foram adotadas por grande parte da comunidade internacional sob a liderança do Ocidente e dos meios de comunicação mundiais. Esses ideais são, sem dúvida, contrários a ideias de *absolutismo* religioso. É preciso reconhecer esse fato e entender que a teocracia é uma alternativa perfeitamente válida e racional para aqueles que aceitam uma visão de mundo que dá enorme importância a um sistema religioso em particular. Uma sociedade organizada em torno de valores religiosos e normas culturais absolutos não é passível de rápidos avanços em liberdade de pensamento e de expressão. Contudo, essa resistência a valores ocidentais não justifica o uso da religião como uma arma de guerra.

Como constatou a nossa pesquisa sobre algumas das posturas religiosas presentes nas tradições monoteístas, uma ampla compreensão cultural da religião e de seus vários contextos sociais pode fornecer um prisma para a apreciação da presença da religião e de seus efeitos em um dado ambiente operacional. Para isso, ofereço as seguintes recomendações:

Aceitar a realidade da religião. A religião não é racional nem irracional; é suprarracional — está fora do alcance da razão pura. Entretanto, uma vez que os princípios básicos de uma dada religião sejam aceitos, ela é normalmente passível de uma compreensão racional, e seus preceitos podem ser discutidos racionalmente.

A religião continuará a exercer uma profunda influência sobre ações individuais e coletivas. Assim, é preciso reconhecer sua importância, mesmo que não se possa reduzi-la a uma explicação puramente racional. Como expressou Rudolf Otto: “o objeto do temor e da reverência religiosa — *tremendum* e *augustum* — não pode ser plenamente definido de forma conceitual: é não racional, tal como a beleza de uma composição musical, que igualmente não pode ser submetida a uma análise conceitual completa”²⁶. Aceitar

que a religião tem sua categoria específica, separada da razão lógica, é muito importante para compreender todas as situações em que ela está envolvida. Tal aceitação pode ser difícil para os que estejam acostumados a lidar com realidades políticas tangíveis, especialmente os que sejam guiados por modernas noções de *realpolitik*. É preciso lembrar, no entanto, que a realidade e a importância do fator religioso na política foram

A democracia e a promoção de direitos humanos seculares passaram a ser, para muitos muçulmanos, um “outro” antirreligioso.

reconhecidas por ninguém menos que o analista político Maquiavel²⁷.

Deve-se conferir validade a todas as religiões; se não do ponto de vista filosófico do planejador, pelo menos a partir de uma perspectiva empírica. Para as pessoas religiosas, conferir validade a outra religião — a religião do “outro” — pode ser uma tarefa emocional e intelectualmente difícil. Para o ateu, ou para quem a religião não tem grande relevância psíquica ou emocional, reconhecer a realidade e a importância da crença religiosa pode ser ainda mais desafiante. Este é um lembrete útil aos planejadores: mesmo que você não aceite os princípios de uma religião específica, eles são reais para os seus adeptos. Isso significa que ela é uma realidade, mesmo que não seja a “sua realidade”.

Reconhecer que a religião lida com absolutos. Essa é a característica mais difícil da religião. O fato de que muitas crenças religiosas afirmam possuir o conhecimento da verdade absoluta as torna muito mais resistentes a interações que exijam moderação e concessões fora de seus sistemas de crença. A diplomacia requer que aqueles que tenham posições conflitantes cheguem a um meio-termo, o que demanda flexibilidade e *disposição para transigir*. Entretanto, muitas personalidades religiosas são reverenciadas justamente pelo seu fervor e por

sua crença *intransigente*. De fato, muitos dos que são considerados como santos por seus seguidores são vistos como fanáticos pelos adversários. É preciso reconhecer até que ponto os participantes de uma determinada negociação estão dispostos a transigir. Caso contrário, muito tempo e esforço serão desperdiçados em uma busca inútil de um objetivo que não é compartilhado pelas partes envolvidas.

Entender que a religião tem aspectos pessoais e sociais. A religião é um conceito complexo. Tem aspectos pessoais e sociais. Os aspectos pessoais podem ser significativos quando moldam os pensamentos e as ações dos principais atores nas esferas políticas ou culturais. Esses indivíduos podem exercer grande influência sobre seus seguidores. Os aspectos sociais são ainda mais significativos porque podem ser influentes na motivação de ações coletivas. Em muitos lugares e situações, a identidade religiosa é, frequentemente, a fonte mais importante de identidade coletiva.

Entender que a religião consiste em crenças teológicas e normas culturais. A palavra *religião* engloba uma ampla gama de significados e se refere a algo além dos conceitos teológicos apenas. Também fornece normas para a conduta pessoal e coletiva, um sistema de valores supostamente “morais”. Muitas religiões incluem normas subsidiárias, que ditam o comportamento, o vestuário, a dieta e assim por diante. Normas estéticas como essas podem ter a força de lei moral em uma sociedade fundamentalista e teocrática. Algumas interpretações religiosas impõem essas normas com o mesmo rigor com que impõem os princípios teológicos mais profundos. Outras interpretações dentro da mesma religião podem reconhecer esses aspectos estéticos como acréscimos culturais tradicionais que não têm a mesma força das crenças teológicas.

Como, de modo geral, as pessoas não estão propensas à reflexão em suas interações e uso da linguagem no dia a dia, a complexa mescla de tradições culturais e religiosas nem sempre é devidamente percebida. Aliadas a isso, a riqueza e as ambiguidades inerentes à língua agravam o problema. Quando normas inspiradas pela religião se aliam a atitudes ou hábitos culturais, o resultado pode ser descrito como um complexo religioso-cultural.



O autor cumprimenta aldeões muçulmanos no Afeganistão.

Pode-se ver um exemplo do impacto dos costumes culturais nas várias práticas relacionadas ao uso de véus pelas mulheres. O Alcorão determina que as mulheres muçulmanas observem a modéstia no vestuário²⁸. Essa ordem é interpretada de várias maneiras no mundo islâmico, desde cobrir o corpo inteiro, como na burca pashtun, até um simples lenço de cabeça, como o que é utilizado por muitas mulheres indonésias.

Entender que a religião existe em um contexto com outras ideologias. Houve um tempo, no Ocidente, em que a política e a religião eram uma só coisa. Essa identificação continua a ser importante em grande parte do mundo atual. Até mesmo no Ocidente, a religião normalmente não existe à parte de outras modalidades de pensamento, quer sejam elas políticas quer religiosas. Uma religião normalmente existe em um contexto que, de modo geral, molda e influencia o que a tradição religiosa enfatiza. Quando uma religião — ou uma facção, dentro dela — for minoria, ela poderá assumir uma atitude defensiva e, às vezes, militante em relação à fé da maioria. Por outro lado, os adeptos da religião da maioria podem decidir tyrannizar toda oposição e perseguir a fé das minorias. Tal “tyrannia da maioria” também ocorre em confrontos entre as modalidades de pensamento ocidentais, como as que derivam de tradições religiosas, do etnocentrismo anglo-saxão, do idealismo democrático, do humanismo secular e de formas de totalitarismo político (como o marxismo).

Utilizar a religião como uma ferramenta. Da mesma forma como acontece com os conceitos

culturais, a religião pode servir a propósitos além de sua declarada função espiritual. Ela pode assumir papéis políticos, culturais, sociais e outros. Líderes de todos os tipos reconhecem o poder da religião e o exploram para seus próprios fins.

Dimensão ética. Tanto o uso da religião como arma quanto a defesa contra esse tipo de emprego apresentam implicações éticas desafiadoras. O emprego da religião é repleto de perigos éticos, tal como se observa quando conhecimentos médicos ou psicológicos são utilizados para maximizar uma vantagem pessoal ou coletiva. Por exemplo, um comandante pode empregar seu capelão para tentar influenciar os líderes religiosos locais, com base na sua filiação religiosa? Quais seriam algumas das vantagens e possíveis armadilhas inerentes à utilização de preceitos religiosos, tanto em uma ação civil quanto em uma militar? Essas e outras questões não têm uma resposta clara. Estão sujeitas às interpretações moral e ética. Em um contexto mais amplo, elas se referem ao milenar dilema ético: o fim justifica os meios? E, caso a resposta seja positiva, em que circunstâncias?

Interação Humana Coletiva

Em suma, a religião foi e continua sendo um fator significativo na interação humana individual e coletiva. Apesar das tentativas ocidentais de “separar Deus de César”, a religião se recusa a ser relegada à periferia nos assuntos mundiais. Deixar de lidar com sua presença, sua influência e seus

...[uma religião específica] é uma realidade, mesmo que não seja a “sua realidade”.

efeitos equivale a negar a realidade. Ironicamente, as crenças religiosas — as construções mais obscuras e transcendentais da mente humana — têm consequências práticas, e às vezes fatais, para os indivíduos e para as comunidades. Ignorar a religião e todos os seus efeitos complexos simplesmente não é uma opção aceitável para aqueles que formulam políticas, para os oficiais e para os adeptos do *Design.MR*

REFERÊNCIAS

1. Josué 6:16-17, [Bíblia] In *Bible: Today's English Version with Deuterocanonicals and Apocrypha* (New York: American Bible Society, 1993), p. 187. [Na tradução do artigo, utilizamos *Bíblia Sagrada*, texto adaptado por eminentes teólogos com base na tradução do Padre Antonio Pereira de Figueiredo (São Paulo: Editora EP - Editora Maltese) — N. do T.]
2. [Alcorão] *The Koran*. Versão em inglês por N.J. Dawood, 6th rev. ed. (London: Penguin, 1997), p. 146. [Na tradução do artigo, utilizamos *Alcorão* (Foz de Iguaçu: Fonte Digital - Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu; LCC Publicações Eletrônicas), disponível em: <http://www.islam.com.br> — N. do T.]
3. “O *Design* habilita os comandantes a conceituar o ambiente operacional. Eles podem visualizá-lo não só em termos de sistemas inimigos, adversos, amigos ou neutros, por todo o espectro do conflito, mas também no contexto dos ambientes e dos momentos político, militar, econômico, social, de infraestrutura, físico e de informações (PMESII-PT, FM 3-0).” KEM, Jack. *Design: Tools of the Trade* (Fort Leavenworth, KS: U.S. Army Command and General Staff College, 2009), p. 12.
4. “No exílio, os judeus sentiram a aridez do mundo ao seu redor; essa sensação de presença o ajudou a se sentirem envolvidos por um Deus benévolo.” ARMSTRONG, Karen. *A History of God: The 4,000-Year Quest of Judaism, Christianity and Islam* (New York: Ballantine, 1993), p. 76.
5. “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século.” Mateus 28:19-20.
6. “Por isso, convoca-os e persevera, tal como te tem sido ordenado.” *The Koran*, p. 340.
7. Rudolf Otto identificou a capacidade humana de apreender objetos supraracionais como a sensação do “numinoso” e o objeto dessa apreensão como o *mysterium tremendum* — o mistério tremendo —, que leva à ideia de Deus como o “totalmente outro”. Otto, Rudolf. *The Idea of the Holy* (Oxford: Oxford University Press, 1923), p. 25-30.
8. “De fato, pode-se argumentar que o *Homo sapiens* também é o *Homo religiosus*. Os homens e as mulheres começaram a venerar deuses assim que se tornaram reconhecivelmente humanos. Criaram religiões ao mesmo tempo em que criaram obras de arte.” ARMSTRONG, p. xix.
9. [Agostinho de Hipona — N. do T.] ST. AUGUSTINE OF HIPPO, *The Confessions*. Versão em inglês de Henry Chadwick (Oxford: Oxford University Press, 2006), p. 3.
10. O governo revolucionário francês inaugurou o reino da “Razão” e o final do cristianismo oficial na nova República. Mais tarde, Nietzsche declarou a morte de Deus e o início da era do Super-homem. Marx chamou a religião de “ópio das massas”. No século XX, o positivismo científico e o comunismo se opuseram à religião; o capitalismo ignorou ou contornou questões religiosas. Filósofos como Sartre buscaram construir a moral que não dependesse de Deus. Apesar de todas essas tendências, a religião sobreviveu e promete ser uma força poderosa no século XXI. Para uma análise sucinta do confronto entre a religião e a modernidade, consulte ARMSTRONG, op. cit., p. 365-371
11. “O nome de Darwin tornou-se sinônimo de ateísmo em círculos fundamentalistas, mas o livro *Origem das Espécies* não visava a ser um ataque contra a religião, mas uma explicação séria e cuidadosa de uma teoria científica.” ARMSTRONG, p. 94.
12. “Antes de se identificarem como leoneses, castelhanos ou aragoneses, os que lutaram contra os mouros e viviam misturados com os judeus se identificavam como cristãos”. CASTRO, Américo. *La realidad histórica de España* (Mexico City, Mexico: Editorial Porrúa, 1982), p. 25.
13. “Ele te revelou (ó Mohammad) o Livro (paulatinamente) com a verdade corroborante dos anteriores, assim como havia revelado a Torá e Evangelho. Anteriormente, para servir de orientação aos humanos, e relevou ainda o Discernimento.” *The Koran*, p. 42-43. “Para Deus a religião é o Islam.” *The Koran*, p. 44. “Se os adeptos do Livro cressem, melhor seria para eles. Entre eles há fiéis; porém, a sua maioria é depravada... Os adeptos do Livro não são todos iguais: entre eles há uma comunidade justiceira, cujos membros recitam os versículos de Deus, durante a noite, e se prostram ante o seu Senhor. Creem em Deus e no Dia do Juízo Final, aconselham o bem e proíbem o ilícito, e se emulam nas boas ações. Estes contar-se-ão entre os virtuosos. Todo o bem que façam jamais lhes será desmerecido, porque Deus bem conhece os que o Temem.” *The Koran*, p. 52.
14. “Os judeus e os muçulmanos fundamentalistas transformaram seus *mythoi* em *logoi* pragmáticos destinados a alcançar um resultado prático. Os protestantes fundamentalistas perverteram o mito de outro modo. Converteram os mitos cristãos em fatos científicos e criaram uma forma híbrida, que nem é boa ciência nem boa religião. Isso veio a opor-se a toda a tradição de espiritualidade, envolvendo grande desgaste, já que a verdade religiosa não tem caráter racional e não pode ser comprovada cientificamente.” ARMSTRONG, p. 355.
15. Segundo o Alcorão, Deus assim declara: “Nós o fizemos um Alcorão árabe, a fim de que o compreendêsseis. E, em verdade, encontra-se na mãe dos Livros, em Nossa Presença, e é altíssimo, prudente.” *The Koran*, p. 343. “Aqueles que ocultam o que Deus revelou no Livro, e o negociam a vil preço, não saciarão suas entranhas senão com fogo infernal. *The Koran*, p. 27.
16. “Desde o final do século XVIII, estudiosos alemães haviam aplicado as novas técnicas de análise literária, de arqueologia e de linguística comparada à Bíblia, submetendo-a à metodologia empírica científica.” ARMSTRONG, p. 91.
17. “Pois não têm eles sinceridade nos seus lábios; o seu íntimo é todo crimes; a sua garganta é sepulcro aberto, e com a língua lisonjeiam. Declaramos culpados, ó Deus; caíam por seus próprios planos. Rejeita-os por causa de suas muitas transgressões, pois se rebelaram contra ti.” Salmos 5:9-10.
18. “Trovejou, então, o Senhor nos céus; o Altíssimo levantou a sua voz, e houve granizo e brasas de fogo. Despediu as suas setas e espalhou os seus inimigos, multiplicou os seus raios, e os desbaratou.” Salmo 18:13-14.
19. “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; Para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste.” Mateus 5:43-45.
20. Isso se aplica até hoje, conforme demonstrado por Jones Preston e Cody Beckman em *God's Hiddenness in Combat: Toward Christian Reflection on Battle* (Lanham, Maryland: University Press of Kansas, 2009).
21. Mesmo ao reconhecer a necessidade social da “guerra justa”, Agostinho lamenta sua violência. “Porque é a transgressão da parte adversária que obriga o homem sábio a travar guerras justas; e essa transgressão, mesmo que não houvesse provocado guerra alguma, ainda assim seria causa de angústia ao homem, porque é a transgressão do homem. Que, então, todos que pensam com dor sobre esses grandes males, tão terríveis, tão cruéis, reconheçam que isso é um tormento.” [Agostinho de Hipona] AUGUSTINE OF HIPPO, *The City of God against the Pagans*, p. 617-18.
22. “Os cristãos podem empregar a violência quando têm a obrigação de fazê-lo; em outras palavras, quando são soldados (ou policiais). Eres cristão reagem à violência dos inimigos que ameaçam a paz e a ordem — não de forma passiva, mas com a força... Os cristãos combatem no exército e rezam pela vitória porque são formados pela virtude perfeita da caridade. A caridade é a virtude que rege a vida moral.” WEBSTER, Alexander F.C.; COLE, Darrell. *The Virtue of War: Reclaiming the Classic Christian Traditions East and West* (Salisbury, MS: Oxford University Press, 2004), p. 150.
23. Adaptei os conceitos de um “complexo” e a constelação de tais complexos utilizados na psicologia junguiana, aplicando-os a um contexto social mais amplo. “Alguns complexos coletivos, que giram em torno de questões de sexo, religião, dinheiro ou poder, afetam quase todas as pessoas em algum grau e podem levar a fortes descargas de energia e até mesmo à guerra, se provocados de forma suficientemente severa.” STEIN, Murray. *Jung's Map of the Soul: An Introduction* (Chicago: Open Court, 1998), p. 76.
24. “...até a década de 1680, a maior parte da Europa, embora diversificada no aspecto religioso, não tinha uma verdadeira liberdade de religião no modo como entendemos hoje. Ser o tipo errado de cristão ainda podia levar uma pessoa à morte, às vezes a uma morte terrivelmente violenta — milhares de pessoas foram queimadas vivas em fogueiras, e os anabatistas, por acreditarem no batismo por imersão, eram muitas vezes mortos por afogamento, em um método de execução macabro e intencionalmente irônico.” CATHERWOOD, Christopher. *Making War in the Name of God* (New York: Citadel Press, 2007), p. 119.
25. CATHERWOOD, p. 127.
26. “...as explicações da verdade religiosa na linguagem tendem, inevitavelmente, a enfatizar os atributos ‘racionais’ de Deus. Embora esse erro possa ser considerado natural, seu resultado não deixa de ser gravemente enganoso. Por esses atributos ‘racionais’ estarem tão longe de exaurir a ideia de divindade, eles, na verdade, implicam um Sujeito não racional ou supraracional, do qual são predicados.” OTTO, Rudolf. *The Idea of the Holy*, p. 2.
27. Em seu renomado tratado sobre a liderança política, *O Príncipe*, Maquiavel reconhece a influência de ideias éticas originadas na religião, mesmo quando contesta sua utilidade na política. Também dedica uma seção inteira ao que ele denomina “princípios eclesiásticos”. Consultar MACHIAVELLI, Niccolò. *The Prince* (London: Penguin, 1981), p.73-76.
28. “Dize às fiéis que recatam os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atrativos, a não ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às mulheres suas servas, seus criados isentos das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres; que não agitem os seus pés, para que não chamem a atenção sobre seus atrativos ocultos.” *The Koran*, p. 248.